

Querido mestre

Agradeço muito que mostres animado pelo projecto “embrião ibérico” pois será de proveito para todos e marcará o latido imortal do surrealismo que vive cada vez mais con juventud e ilusão.

Sinto uma estranha felecidade e como não uma grande admiração por tudo que se registre como arte como meio de comunicação e como forma de amar o entorno humanizado. São tantos e tantos os clamores de alguns bons homens que anseiam ter a sua pátria mais reconhecida, mais perto da realidade donde os sentimentos devoran a dura forma de pensar dos que desconhecen o respeito às pessoas livres e desejosas de mostraren-se ante a crua situação das suas vidas. Por isso, homens como tu, cheios de garra de sêde e de paixão, não puderam ser reconhecidos quando mais o nesecitavan. Sobre as ondas prateadas do Atlântico navegan os teus sonhos de amante lusitano, os olhares dos teus desenhos as velas brancas cheias de vento impulsan con alegria os teus infantiles disparates que desaguan sobre o Bugio. Arrebato que desencadeia mil formas de encontrar amores sobre a calçada lisboeta e quando chega ao Terreiro ver canoas para cima e para baixo sobre o Tejo húmido e imortal.

Quantas coisas fican por falar por escrever por filmar sen nunca acabar. A tua vida todavía està por escrever, porque o que se escreveu ainda nao foi entendido e nen sequer respeitado, pois Cruzeiro Seixas circula en todas as direcções con fôlego con arte con alegria e con CLASSE.

Querido Artur, tal como te havia prometido e no meio de tanta confusão, envio-te os documentos teus e meus que estavam en internet na www.artlink.pt

Desejo-te o melhor e que possas abandonar essa irresistibile muleta o mais breve possivel.

Do amigo Manuel Patinha


28.1.2001



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FC

01.263.63

Manuel Patinha na Mitra

Peças em aço e desenhos da autoria de Manuel Patinha estão patentes na Mitra Galeria Municipal, em Lisboa. Até 4 de Fevereiro.



Embora já tenha exposto outras vezes em Lisboa, esta é a primeira individual de escultura que Manuel Patinha, actualmente a viver e trabalhar na Galiza, apresenta ao público da capital. E traz-nos dois conjuntos de peças, em que a matéria-prima predominante é o aço.

Um desses núcleos é composto pelas obras mais actuais do artista, nas quais unidades de formas circulares se entrelaçam e multiplicam em cadeias, com diversas dimensões e disposições no espaço. Nas peças do outro conjunto, algumas delas já expostas no nosso país, a referência a formas orgânicas resultou na criação de corpos que se assemelham a vasos, habitáculos e cactos, transmitindo ideias de recolhimento, refúgio e crescimento.

A mostra, comissariada por João Pinharanda, inclui ainda uma série de aguadas que antecedeu o nascimento das esculturas mais recentes deste artista.

De formação autodidacta, Manuel Patinha filia-se numa estética surrealista. Nascido na Póvoa de Santa Iria em 1949, iniciou o seu percurso pela pintura e pela gravura, nos anos 70.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	fos 2

01-263-63

Manuel Patinha: Diálogos poéticos com o metal

Três décadas vividas na Galiza, que a pronúncia de Manuel Patinha denuncia, não o desligaram de Portugal. Nascido há 51 anos na Póvoa de Santa Iria, este artista autodidacta quis mostrar aos lisboetas o seu trabalho escultórico. E reuniu, na Mitra Galeria Municipal, peças de 1999 e 2000 que denotam uma evolução: os corpos de referência orgânica deram lugar a esculturas com motivos circulares que se repetem e entrelaçam, transmitindo ideias de crescimento e harmonia. Uma arte mais depurada, fruto do «diálogo poético com o metal».

Esta é a primeira individual de escultura que apresenta em Lisboa. Sentiu esta exposição como um reconhecimento ou como um desafio...?

Vi-a mais como um reconhecimento, porque independentemente de viver em Espanha, sou português e a cidade onde cresci foi Lisboa. Parecia-me agora importante e oportuno que os lisboetas conhecessem mais de perto a minha obra.

Por isso quis também expor trabalhos de 1999?



Sim. Penso que as obras que aqui trouxe dão uma ideia daquilo que tenho vindo a fazer nestes dois últimos anos. Sempre entendi que o trabalho de um artista é um trabalho de progresso que necessita de amadurecer. Exponho somente quando a obra tem o seu sentido, o seu interesse. Vir agora Lisboa era como um abraço à minha terra natal. Então, queria fazer uma exposição com conteúdo, com significado.

Começou o seu percurso pela gravura e pela pintura, na década de 70. A sua colaboração com Cruzeiro Seixas data dessa época. De que maneira foi determinante na sua obra?

É evidente que essa convivência fez de mim um artista com possibilidades. Conheci o Cruzeiro Seixas aos 19 anos e surgiu entre nós uma amizade que desaguou numa colaboração de trabalhos que realizámos por correio - os famosos *cadavres exquis* - e algumas pinturas.

Dessa colaboração resultou também a exposição a dois que decorreu em 1982, no Estoril?

Sim. Foi uma exposição muito comentada. Entretanto, entrei numa fase de transição. Em Espanha, o ambiente em que vivia já não era propício a um trabalho surrealista. Comecei a contactar com o Grupo Atlântica (galego) e com outros grupos de arte contemporânea, e a desenvolver uma arte mais própria da minha época.

A minha ligação ao Cruzeiro Seixas foi uma história casual, que desaguou nessa baía cheia de fantasias e de coisas muito interessantes e muito bonitas que um dia sairão à luz.

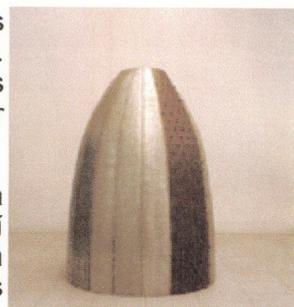
Quer dizer que algumas dessas obras estão ainda inéditas?

Grande parte delas. No livro que a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira editou em 1997 aparecem dois *cadavres exquis*, meus e do Cruzeiro Seixas, que são as únicas obras que estão, digamos, catalogadas. As outras continuaram inéditas, por razões de sentimento ou porque não me parecia oportuno que fossem vistas e analisadas. Talvez porque eu tivesse necessidade de fazer o meu caminho, sem ser na sombra de uma grande personalidade como Cruzeiro Seixas.

Penso que a minha experiência e todas as exposições que tenho realizado fora de Portugal já me permitem apresentar essa obra, quando me parecer adequado fazê-lo. Divulgar agora um trabalho anterior, surrealista, poderá provocar uma certa confusão nas pessoas que começam a conhecer melhor a minha obra, sobretudo a escultórica. Talvez seja preferível um momento mais oportuno, em que dê a conhecer [esses trabalhos] como resultado de análise ou simplesmente como experiência anterior.

Já na década de 90, revelou-se como escultor. Como se deu essa passagem para a escultura?

Já me apetecia há muito tempo fazer escultura, mas não tinha os meios necessários (é preciso espaço!). Realizava apenas pequenas experiências. Construí o meu primeiro grande atelier na Galiza e, no início dos anos 90, as minhas primeiras esculturas, de figuração animal, começaram a aparecer como forma de reivindicar a protecção de espécies não protegidas.



É evidente que, para todo o artista que começa, a escultura pode ajudar a transformar a sua própria ideia do objecto, das coisas que toca e que vê. É aí que a escultura começa a ser realidade. E, quando nós a tocamos, aquilo que já realizámos começa a envolver-nos de uma maneira muito mais aliciante, mais generosa.

É notória a sua preferência pelo metal. Sempre fez escultura em metal?

Normalmente, faço as esculturas públicas em granito. Mas onde realmente me realizo e estou à vontade é no metal. Tento elevar o material industrial à condição nobre, de apreciação artística. O que não é fácil, porque ele já está, diríamos, quase realizado ou pré-realizado. Mas, manipulando-o com extremo cuidado, conseguem-se coisas muito interessantes.

Nas peças mais recentes começou também a utilizar os espelhos. Isso representa um novo caminho que se abre na sua obra?



Exactamente. Estou a trabalhar com espelhos, mas também com vidros e cristais. São materiais muito antigos que utilizo porque me permitem exteriorizar melhor a obra e tridimensioná-la, sobretudo a que é colocada na parede.

O espelho ou o vidro contribuem para que a escultura tenha uma leitura dupla - em vez de uma leitura já quase definida - e criam um ambiente mais dócil e mais poético. Porque a escultura, independentemente de ser contemporânea ou não, tem sempre um aspecto de agressividade ou de monumentalidade. Continuo a investigar, mas de momento estou contente com este tipo de trabalho.

Disse que o contacto com artistas contemporâneos conduziu a mudanças na sua arte. Porém, alguns críticos consideram que o carácter surrealista se mantém no seu trabalho...

Quando tenho o espírito mais descontraído, mais sossegado, faço apontamentos em que aparecem coisas que têm a ver com o surrealismo, talvez porque a influência existe e é difícil esquecê-la por completo. De qualquer maneira, actualmente o meu compromisso vai mais numa linha de pureza, de visão com menos obstáculos.

Nos tempos em que vivemos, carregados de situações angustiantes e em que o ser humano tem uma forma de vida caótica, penso que a arte deve ser cada vez mais asséptica, cada vez menos linguística, de conceitos mais agradáveis. O que se passa na manifestação surrealista é muito mais complexo, requer coisas que vão no sentido da inquietação, de um certo barroquismo. Creio que ultimamente há, na minha escultura, uma fase de contemplação. Talvez seja um diálogo poético com o material, uma necessidade de fazer um parêntesis depois de uma série de etapas muito mais turbulentas e inquietas.

As peças anteriores, que também estão aqui patentes, como as *pérolas* e os *habitats*, já reflectiam isso?

Não, essas revelam inquietações, noites muito longas, cheias de fantasmas, de ideias, de coisas... Agora parece que há um momento de sossego espiritual ou de sossego criativo, em que a escultura parece ser mais complacente, mais agradável, no sentido da forma, de como se toca e como se vê.



Acha que estas obras reflectem uma maturidade artística, pessoal?

Sim. Alguns estudiosos do meu trabalho dizem que a minha escultura evoluiu muito rapidamente. É certo que trazia já uma grande experiência pictórica e de gravura, e isso pode ver-se nas esculturas (o desenho continua a ser para mim fundamental antes da realização de qualquer escultura...). A minha primeira escultura não é uma escultura de investigação, é quase uma escultura definida, definitiva.

Segundo Pilar Corredoira, as suas obras são «forjadas no silêncio». No catálogo da exposição, ela afirma: «existe [nas esculturas de Manuel Patinha] uma história silenciosa e calada, uma história pessoal». Partilha desta ideia?

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	708

4
01.263.63

Sim, porque eu sou um artista que nasceu praticamente dentro do meu atelier. Não fiz parte de nenhum movimento. E claro, quando um artista está no seu atelier, está no silêncio, não está contactável no dia-a-dia. As minhas obras não foram feitas à pressa, mas com o tempo devido. Fui criando devagarinho, no silêncio... Sou amante dos meus trabalhos e cúmplice desse amor.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Querido Artur

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo 10 01.263.64

telefonou-me o Sacramento e está satisfeito de como foi a reunião. Sobre a inclusão de algum de estes quadros grandes feitos entre nós, devo dizer-te que será mais correcto exhibi-los em Santiago de Compostela, na fundação Grauell tal como foi combinámos com a Natália. Espero que possas compreender, uma vez que a Exp. de Aveiro é essencialmente sobre a obra de dois grandes artistas surrealistas e qualquer tipo de colaboração em este caso, sobra!? Também comentei a possibilidade de integrar algum trabalho nosso, com o Bernardo Pinó D'Alencar e ele, também opina que não é oportuno uma vez que simplesmente aparecerá em com o da fundação, não havendo neste caso colaboração, muito com o Grauell. Também é certo que em como commissário da exposição, não tenho sentido tal oportunidade?! De maneira que será na fundação Grauell em Outubro do corrente, quando se darão a conhecer estes trabalhos a ti agora inéditos.

Assim que tenho o meu caso, irei a tratar de compôr o catálogo em Aveiro. Quero que se faça um belo e digno livro sobre os dois, farei tudo quanto estiver ao meu alcance, pois a estas alturas devemos ser cantos e fazer o melhor possível. Me alegro muito que estesas melhor, e que estesas em forma para a inauguração que se prevê o dia 20 de Abril. Entre tanto, desejo que sejas feliz e que a saúde us te abandone -- em abraço forte e cheio de amizade e admiração --

ten Manuel Pinó

12.3.2001

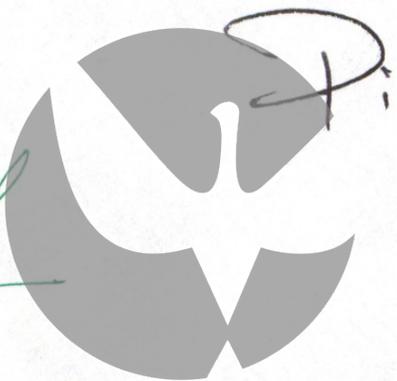
Patinha

01-263.64

QUETE
ALUL
QUETE
ICILIO



expo Aveiro
a 20 Abril



Pinto
UNIVERSIDADE
Artur Craveiro Seixas
DE EVORA
Rua de Boer, 152-3º
Lisboa
PORTUGAL



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

de: Manuel Patrício

o vilal do - Faisca
15407 Naron (a colúnia)

ESPAÑA